

ABEL SALAZAR

– nota biográfica –

NORBERTO CUNHA
INSTITUTO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DA UNIVERSIDADE DO MINHO

Abel de Lima Salazar nasceu, em Guimarães, em 19-7-1889. A partir de 1899-1900 frequenta o Seminário-Liceu desta cidade onde foi condiscípulo do futuro cardeal Cerejeira. Ingressa no Liceu-central do Porto, de S. Bento da Vitória, em 30-9-1903, onde se mantém até à conclusão da 7ª classe de Ciências em 1906-7; neste liceu, com um pequeno grupo de companheiros publica um jornal escolar republicano de que saíram dois números: o *Arquivo*. Ingressa, seguidamente, na Academia Politécnica do Porto, onde faz os preparatórios de acesso à Escola Médico-Cirúrgica e se relaciona com vários dos elementos na *Nova Silva* e do *Grupo ABC* que frequentam a mesma Academia.

Em 1907 subscreve uma Representação de Estudantes do Porto contra um projecto franquista de limitação da liberdade de imprensa que será publicado no início desse ano pelo *Mundo*; pouco depois, em Abril, adere à greve académica. Em 1909, ingressa na Escola Médica. Contrariado. Queria ser engenheiro. Apesar disso, fez um curso brilhante que concluirá com um *Ensaio de Psicologia Filosófica* (1915), dissertação muito influenciada por Taine, a quem o júri atribuirá a classificação máxima. Neste quinquénio de “médico à força”, distribuiu o seu tempo pelo estudo, pelos comícios republicanos e pela mocidade elegante de Leça cuja “roda” frequentava. A partir de 1913 é nomeado 2º Assistente de Anatomia Patológica; escreve diversos trabalhos sobre a morfologia e anatomia comparada do córtex, para a consecução dos quais frequentou o Hospital Conde Ferreira e o convívio de Magalhães Lemos. Nesses trabalhos formula, pela primeira vez, uma teoria anátomo-psicológica sobre o funcionamento do sistema nervoso que coincide, estruturalmente, com a de Flechsig. Em 1915, participa na Exposição dos Humoristas e Modernistas que se efectuará nos Jardins de Passos Manuel, tendo os seus desenhos provocado o elogio unânime da crítica. Concluído o seu curso é convidado por alguns dos seus mestres, como Freitas Viegas e Tiago de Almeida, a ingressar no ma-

gistério universitário. Recusa e concorre, posteriormente, a uma vaga de Histologia, entretanto, posta a concurso. Conseguindo o lugar, inicia o curso de Histologia de 1916-17, com uma notável lição de abertura onde expõe, com grande originalidade, os problemas fundamentais da Biologia. Em 14 de Maio de 1917 é nomeado professor extraordinário de Histologia e Embriologia e, em 9 de Julho de 1918, é promovido a professor ordinário. Em 9 de Janeiro de 1920 toma posse de Director do Instituto de Histologia e, neste mesmo ano, descobre a técnica tano-férrica ou "método Salazar". Em representação da Faculdade toma parte nos Congressos de Anatomistas de Lyon (1923) e Turim (1925). Em Janeiro de 1922 expõe no Porto, com Cerqueira Machado, e dois anos depois, em Lisboa, na S.N.B.A., com geral agrado da crítica. Em 1919, é eleito para a direcção da *Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, recém-criada no Porto. Em 1926, sucumbe a um esgotamento, provocado por excesso de trabalho e por alguns funestos acontecimentos familiares. No ano lectivo de 1931-32, já recuperado, retoma as suas funções docentes e de investigação na Faculdade. A partir do início de 1932, até à sua demissão compulsiva de 1935, envolve-se numa activa campanha de educação positiva da mocidade sob a égide de várias associações estudantis republicanas e anti-salazaristas: a *Associação Profissional dos Estudantes de Medicina do Porto*, a *Associação dos Estudantes da Faculdade de Medicina de Lisboa*, o *Centro Académico Republicano de Coimbra* e o grupo estudantil do semanário *Liberdade*.

Nas conferências que, então, fez, atacou o clericalismo em nome da teologia crítica, da história comparada das religiões, da psicopatologia do fenómeno religioso, defendendo, em contrapartida, uma religião do sentimento e do culto da Beleza; atacou o dogmatismo e os totalitarismos de esquerda e de direita, as utopias exclusivamente individualistas e colectivistas, invocando como argumentos os dados da citologia e sociologia celulares; expôs as suas tão controversas ideias pedagógicas, onde defendeu o auto-didactismo, a supressão da avaliação quantitativa e a redução ao mínimo da intervenção do professor na aprendizagem; defendeu a socialização da ciência, criticou o cientismo e os perigos da "tirania da ciência", que devia quedar-se sempre aquém da Arte e ao seu serviço; retomou o problema fundamental da Biologia (o mecanismo *versus* vitalismo) e procurou uma solução para o problema psicofísico; finalmente, interveio na polémica à volta da "mensagem" dos catedráticos de Coimbra (1933). Em 6 de Julho de 1933 decidiu inscrever este apostolado numa estrutura organizada: ingressa na loja portuense *Lux et Vita* (uma das lojas do Grande Oriente Lusitano Unido). Toda esta militância em prol da juventude trouxe-lhe não

poucos dissabores: cortes da Censura aos seus artigos, anátemas do *Diário da Manhã* e da *Voz*, proibição de versar, em público, matérias que não fossem estritamente científicas e o insidioso ataque de Costa Brochado na *Verdade*, em Dezembro de 1933, (que desencadeará um vigoroso protesto da academia portuense com não menos vigorosas represálias sobre os seus autores, especialmente sobre os assistentes Neves Real, António Barros Machado e Henrique Ziller Perez). Todos estes dissabores levarão Abel Salazar ao exílio voluntário, em Paris, para onde parte em 7 de Março. Na cidade francesa trabalhará no Laboratório do Prof. Champy, prestigiado anatomista francês. Ao lado de Cogniot, Prenant e Wallon, participa nas actividades anti-fascistas da *Union Rationaliste* e na *International des Travailleurs de l'Enseignement*, subscreve com eles um manifesto contra a Ditadura portuguesa e contra as prisões em Portugal, enviando para a redação da *Liberdade*, diversos pacotes de panfletos e literatura subversiva de cuja recepção nunca teve notícia. Regressa ao Porto em fins de Agosto de 1934. Até à sua demissão, publica uma série de artigos brilhantes sobre Henrique Pousão e o Impressionismo, um opúsculo sobre a ciência e o momento actual, e as suas *Digressões em Portugal* que Hernani Cidade considerou um livro *único*, uma "pintura" literária impar na nossa literatura. Em Maio, como dissemos já, é surpreendido com a demissão; razões invocadas: a influência deletéria da sua acção pedagógica-didáctica sobre a mocidade universitária. Perante as dificuldades imediatas levantadas pela situação que lhe foi criada, arranja emprego como cartazista na Tipografia Lusitana, de Gaia. Apenas durante alguns meses. O regime de Salazar impedi-lo-á de continuar. Procura, então, sair do país aproveitando um convite do *British Council*. A saída ser-lhe-á recusada, como recusada lhe será a solicitação que fez para frequentar as bibliotecas da sua Faculdade. Perante este impasse, instala um laboratório pequeno em casa; simultaneamente, passa a dar mais tempo à sua actividade artística e cultural. Numa primeira fase colabora no *Povo do Norte*, na *Ideia Livre*, na *Gérmén*, no *Notícias de Coimbra*, e, depois, numa segunda fase, no *Diabo*, no *Trabalho*, na *Síntese*, na revista socialista *Pensamento* e na *Seara Nova*; enceta a divulgação do *Empirismo Lógico* do Círculo de Viena, como especial incidência em autores como Carnap, Hans Hahn e Moritz Schlick, elegendo, como tema preferencial, a sua crítica à metafísica e o critério de sentido e verificabilidade. Envolve-se, em 1938, numa dura polémica com Casais Monteiro e Sérgio, sobre o problema da divulgação cultural; formula, numa série de artigos publicados no *Sol Nascente* (1937-38) e no *Trabalho* (1940) uma explicação histórico-organicista da *Crise da Europa*, questão que irá

retomar, numa obra com o mesmo título, que publicará em 1942; reitera o seu anti-clericalismo e a religião do puro sentimento; critica, severamente, os regimes fascista e comunista e aplica ao domínio das ciências humanas a matriz psicossomática da caraterologia kretschmeriana, em vários artigos publicados no *Diabo* (1936-37) na *Voz da Justiça* (1936) na *Democracia do Sul* (1935) e na revista *Pensamento* (1936); insurge-se contra a arte pela Arte e contra a Arte Social no *Diabo* (1938-39), publica *Paris em 1934* (1938) e *Recordações do Minho Arcaico* (1939); desenvolve uma interessante concepção científico-filosófica do mundo, pautada pelo relativismo e pelo agnosticismo. Em 1938 e 1940, efectua em Lisboa e Porto grandes exposições individuais que provocarão a admiração generalizada. Em 1941 é reintegrado. Não na Faculdade de Medicina, mas na Faculdade de Farmácia onde o Instituto para a Alta Cultura lhe cria um *Centro de Estudos Microscópicos*. Reinstalado, retoma, de novo, a investigação científica (nunca inteiramente interrompida) como o demonstram os vários trabalhos que então publica nos *Anais* da Faculdade. Em 1940, publica *O que é a Arte?*, pouco depois *A Crise da Europa* (1942) e a *Hematologia* (1944), obra de notável reflexão epistemológica sobre o problema da vida. Participa, ao lado do *Movimento da Unidade Democrática*, nas malogradas eleições de 1945. Como represália, o *Centro de Estudos Microscópicos* deixa de ter atribuição de verbas e passa a ter uma existência meramente nominal. Aproximava-se do fim. Em 1946, escreve no *Sol* um interessantíssimo conjunto de artigos sobre a arte modernista. Em 29 de Dezembro morria, tendo a PIDE escoltado o seu funeral que após, várias peripécias lamentáveis, acabou por se converter numa enorme manifestação de pesar e, simultaneamente, num vigoroso protesto de milhares de pessoas contra a Ditadura.